

**TRABALHO, FÉ E SOFRIMENTO: CONSTRUÇÃO DO VALOR PESSOAL EM
CONTEXTOS RURAIS**

Maria Vitória Borges Grasel
Franciele da Costa

Resumo

A forma como o sujeito constrói a percepção de seu próprio valor está profundamente enraizada em referências sociais, culturais e religiosas. Em muitos contextos, especialmente em estruturas tradicionais, o valor pessoal passa a ser condicionado à utilidade que o indivíduo apresenta para o trabalho e para a coletividade. Diversos estudiosos vinculam a investigação sobre identidade à compreensão dos processos de socialização, que em suma são compreendidos como "... processos psicossociais através dos quais o indivíduo se desenvolve historicamente como pessoa e como membro de uma sociedade" (Martin-Baró, 1985, p. 115). Nesse cenário a produtividade e a capacidade de servir se tornam critérios fundamentais para a autoestima e o sentimento de pertencimento. Paralelamente, crenças religiosas de matriz cristã, muitas vezes interpretadas de maneira rígida ou moralizante, reforçam a ideia de que o sofrimento é digno, visto como uma prova de fé ou um caminho de purificação. Enquanto o conforto, o descanso e o cuidado de si podem ser vistos como fraqueza ou pecado. Ao analisar o estudo realizado pelo pesquisador Jean-Marie Jaspard (2004), é possível concluir que a forma como o sofrimento é vivenciado e interpretado está intimamente ligada à posição do sujeito em relação à sua fé. A investigação foi realizada com 80

enfermeiros, de ambos os sexos, com várias modalidades de adesão ao cristianismo. Os indivíduos com uma fé intrínseca e convicta tendem a integrar o sofrimento como parte de sua jornada espiritual, encontrando nele um meio de aproximação com o divino e fortalecendo sua relação com Deus. Por outro lado, aqueles cuja fé é mais periférica ou marcada por dúvidas não costumam atribuir um sentido religioso ao sofrimento. Porém, ao discutir a relação entre a fé e o sofrimento, é fundamental considerar o contexto das comunidades rurais brasileiras, onde a religiosidade desempenha um papel central na vida da maior parte dos indivíduos. Essa lógica moralizante e utilitarista pode operar de forma silenciosa, sustentando quadros de adoecimento psíquico, culpabilização e resistência à busca por ajuda, especialmente em populações do campo e em comunidades onde a fé tem papel estruturante na vida cotidiana.

No artigo *Psicodinâmica do Trabalho, Sociologia e Identidade*, Heloani e Ushida (2007), evidenciam que a experiência laboral não é neutra: ela impacta diretamente a subjetividade, podendo tanto contribuir para a realização pessoal quanto desencadear sofrimento psíquico, sobretudo quando o sujeito sente que seu valor está exclusivamente atrelado à sua produtividade. Essa lógica é intensificada em contextos sociais em que a utilidade no trabalho é um marcador de dignidade e reconhecimento, o que se conecta profundamente com a realidade de populações do campo, em que o valor pessoal está historicamente associado à força de trabalho. A obra *O Cativo da Terra*, analisa as formas como o trabalhador rural brasileiro, historicamente inserido em relações sociais marcadas pela exploração e pelo autoritarismo, desenvolve uma visão internalizada do trabalho como destino e obrigação moral. Segundo o autor, o trabalhador do campo não apenas trabalha para sobreviver — ele foi culturalmente moldado a enxergar o esforço físico contínuo como uma virtude em si, enquanto o descanso é frequentemente associado à preguiça, à culpa ou à improdutividade. (Martins, 1979)

O autor Dejours (1992), é uma das principais referências quando se fala em trabalho como estruturante da identidade. Assim, o trabalho ocupa um

espaço de reconhecimento e de realização subjetiva. Quando o sujeito é afastado de suas atividades laborais — seja por adoecimento físico ou psíquico — ocorre uma ruptura na dinâmica de reconhecimento, o que pode comprometer profundamente a autopercepção e gerar sofrimento psíquico. Analisar os principais transtornos psíquicos que atingem as comunidades interioranas, como a depressão, é de fundamental importância para compreender as complexidades do sofrimento mental nessas localidades.

Em contextos rurais, o afastamento do trabalho por transtornos de humor como a depressão representa não apenas a perda de uma atividade funcional, mas a ruptura com o eixo central de reconhecimento e pertencimento social. Para Dubar (1997), essa crise identitária é agravada quando o sujeito já se encontra fragilizado psicologicamente, pois perde o vínculo entre ação e reconhecimento. Em comunidades interioranas, essa experiência é ainda mais complexa, pois prevalecem representações sociais que associam a depressão à falta de fé ou à ausência de força moral (Macedo, 2011). Tal estigma deslegitima o sofrimento psíquico e dificulta a busca por cuidado, perpetuando o ciclo de silêncio, culpa e exclusão.

Entretanto, como destaca Ciampa (1987, 1998), a identidade não é fixa ou essencial, mas um processo em constante metamorfose, construído nas tramas da história, da cultura e das condições materiais. Assim, é fundamental reconhecer que esses sujeitos estão em movimento — e que esse movimento pode incluir a crítica, a resignificação e a transformação de crenças.

Pautados nesta concepção de movimento, é possível refletir sobre abordagens terapêuticas no contexto rural, onde a relação com o trabalho está intrinsecamente vinculada à construção da identidade do indivíduo.

Em contextos marcados por intensa repressão emocional, é comum que o sofrimento psíquico se manifeste por meio de sintomas físicos, dificultando sua elaboração e expressão verbal. Essa abordagem, se fundamenta na obra *O Mundo dos Defeitos* de Nise da Silveira (1953), que discute como as expressões emocionais, quando não reconhecidas ou validadas, podem se traduzir em síndromes psicossomáticas, com manifestações como dor no corpo, insônia e cansaço crônico. Nesse sentido, ela enfatiza a importância de um trabalho

terapêutico que ajude o paciente a reconhecer e nomear suas emoções, promovendo um processo de conscientização que conecta o sofrimento psicológico ao sofrimento físico.

Como explica Galvão (2014), ao interpretar Michel Foucault o "cuidado de si" em Michel Foucault, propõe uma ética subjetiva em que o sujeito não é apenas objeto de normas externas, mas agente ativo na constituição de si. Essa perspectiva desloca o foco tradicional do cuidado como mera reparação ou tratamento para uma lógica de autoconstrução, onde o sujeito é convidado a exercitar a escuta, a atenção a si e aos seus modos de existir. No campo da clínica psicológica, isso propõe uma ruptura com a ideia de sujeito a ser normalizado, abrindo espaço para um cuidado que respeita a singularidade de cada indivíduo.

Além disso é fundamental discutir o papel da psicologia na demistificação de crenças religiosas que interpretam o sofrimento a virtude. Como destaca Franco (2017), uma atuação sensível e ética da Psicologia permite que o sujeito reconheça seu sofrimento como legítimo, sem culpa ou vergonha, e encontre novas formas de lidar com ele, inclusive utilizando sua espiritualidade como recurso de enfrentamento — e não como justificativa para suportar adversidades em silêncio.

Em suma, a atuação do psicólogo torna-se fundamental para desconstruir tais discursos, acolhendo o sofrimento como experiência legítima e promovendo novos sentidos que favoreçam o cuidado de si, a autonomia emocional e a reconstrução do pertencimento para além da lógica do desempenho. Ao oferecer espaços de escuta qualificada, o psicólogo contribui para que os sujeitos consigam reconhecer seu valor sustentado por vínculos, cuidado e valorizem sua humanidade.

REFERÊNCIAS

Ciampa, A. da C. (1987). A estória do Severino e a história da Severina: Um ensaio de Psicologia Social. São Paulo, SP: Brasiliense.

CODO, Wanderley. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2004.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALVÃO, B. A. O cuidado de si como gesto ético. *Intuitio*, v. 7, n. 1, p. 71–85, 2014.

JASPARD, Jean-Marie. Significação religiosa do sofrimento e posição psicológica na fé. *Psicologia USP*, v. 15, n. 3, p. 191–212, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/LgL59JmF5YhTFzx5Ctbn5Bx/>. Acesso em: 13 maio 2025.

MACEDO, Regina Heloisa. Depressão: entre o sofrimento psíquico e a patologização da vida. São Paulo: Editora Hucitec, 2011.

MARTÍN-BARÓ, I. (1985). A desideologização como contribuição da Psicologia Social para o desenvolvimento da democracia na América Latina. In: LACERDA JÚNIOR, F. (Org.). *Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais*. Petrópolis: Vozes, p. 55–65

MARTINS, José de Souza. O cativo da terra. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979

SILVEIRA, Nise da. O Mundo dos Defeitos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1953.

TELLES, Sérgio. A Prática Psicológica: uma construção cultural. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.